

(AVENÇADO)



# ORGANIZEMO-NOS

## 1.º DE MAIO

O dia 1.º de Maio é comemorado pelos trabalhadores de todo o mundo como uma jornada simbólica das lutas travadas pela melhoria das condições de vida, contra a exploração e a opressão, como uma jornada de regozijo pelas vitórias alcançadas.

Impedidos durante meio século de comemorarem o dia 1.º de Maio, sempre os trabalhadores fizeram deste dia uma jornada de luta contra a opressão fascista e o capital explorador no que foram acompanhados pelo povo português em geral.

Muitos são os casos daqueles que perderam a liberdade e alguns a vida na luta pelo direito de comemorarem o 1.º de Maio. Ainda este ano, e para prevenir a prevista jornada de luta do povo português, a PIDE/DGS começara já a escalada da repressão, prendendo dezenas de democratas.

As condições criadas pela acção valente do Movimento das Forças Armadas, tornaram possível que o 1.º de Maio de 1974 pudesse ser comemorado pelo povo português como uma jornada festiva de solidariedade trabalhadora.

Por sugestão do Movimento CDE de Lisboa, apresentada quando do encontro que a Comissão Executiva teve com a Junta de Salvação, o 1.º de Maio é, a partir deste ano, feriado nacional, dia dos trabalhadores.

A CDE e os Sindicatos Livres promovem em Lisboa, jornadas para manifestar a satisfação dos seus activistas, dos trabalhadores, do povo, pelo derrube da ditadura fascista, e o seu desejo de que sejam rapidamente instauradas todas as liberdades democráticas, as liberdades sindicais e o direito à greve.



## Mário Soares em Conferência de Imprensa

## O FIM DA GUERRA COLONIAL É O PROBLEMA MAIS PRELENTE DO POVO PORTUGUÊS

Numa sala da gare da Estação de Santa Apolónia, Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista Português, concedeu uma conferência de Imprensa à Informação. «N.A.» esteve lá, e das suas declarações, seleccionou o mais importante para o actual momento político.

### SOBRE A GUERRA COLONIAL

— Já tive ocasião de me encontrar várias vezes, no decurso de conferências internacionais com «leaders» dos movimentos africanos. Creio que temos de continuar o diálogo com esses

movimentos. Acentuo, de resto, que em todos os contactos que com eles mantive, sempre esses «leaders» me afirmaram que a sua luta não era contra o Povo Português, mas sim contra o fascismo e o colonialismo. — O grande perigo neste

SEGUE NAS PÁG. CENTRAIS >

O êxito da iniciativa dos militares patriotas — que saudamos, fraternalmente — que decididamente contribuiu para pôr termo ao regime que há quase cinquenta anos nos oprimia, foi possível graças à luta heroica do Povo Português que deu milhares de vidas à luta pela liberdade.

Largas perspectivas se abrem agora para o imediato exercício ou conquista das liberdades democráticas e sindicais, do direito à greve, da Paz, do direito à melhoria das condições de vida, de um governo democrático efectivamente representativo da vontade do país.

Para tal são imperativos a unidade e organização do Povo Português em torno de todos os objectivos populares e democráticos.

Nesta hora de festa, de acção, de luta e de amplas conquistas, juntemo-nos para nos mantermos informados, para discutir e para encontrar as orientações para o Movimento Democrático e para a solução dos nossos problemas. Utilizemos com audácia e serenidade os locais que nos pertencem. Exercemos os nossos direitos. ORGANIZEMO-NOS.

## A LIBERTAÇÃO DOS PRESOS POLÍTICOS

As primeiras horas da madrugada do dia 27, foram libertados todos os presos políticos que se encontravam detidos na cadeia do Forte de Caxias e na prisão-hospital de S. João de Deus, o mesmo se verificando posteriormente em relação aos presos no Forte de Peniche e no Porto.

Os muitos milhares de pessoas que às portas das masmorras fascistas aguardaram a libertação dos presos políticos, foram a completa expressão da total solidariedade do povo com os homens e mulheres que agora retomaram o seu lugar nas tarefas de um futuro melhor.

O Movimento das Forças Armadas cumprindo o compromisso assumido, respeitou uma inabalável reivindicação das forças democráticas que, lutando unidas contra a repressão, sempre exigiram a libertação dos presos políticos e denunciaram energicamente a violência e o terror constantes nos métodos da PIDE/DGS.

A tela tecida pela aparelho repressivo, montado para asfixiar as mais legítimas aspirações do Povo Português, revestida aspectos da mais feroz crueldade e desumanidade, verdadeiramente atentatórios dos

mais elementares direitos inerentes à condição humana. As declarações de todos aqueles que transitaram pelos cárceres fascistas são prova irrefutável dos métodos de «investigação» que a PIDE/DGS utilizava: torturas de dias e noites sem dormir, «estátuas», espancamentos, choques eléctricos, sevícias, brutalidades, todo um leque de métodos usados contra suspeitos, violando a integridade física e psíquica e conduzindo, frequentemente, a internamentos em hospitais psiquiátricos e, por vezes, à própria morte. Mas se estes eram os aspectos mais violentos da repressão, outros acompanhavam quotidianamente os presos políticos.

A libertação de todos os presos políticos e a extinção da PIDE/DGS, exigências de todos aqueles que lutavam pela liberdade, são acontecimentos de transcendente significado político e constituem um passo importante no sentido de alargar o apoio popular que será a única garantia de triunfo do processo encetado no dia 25 de Abril.

Em todos quantos abandonaram as prisões e que se conduziu a sua dedicação à luta pela libertação de Portugal, saudamos fraternalmente todos os que sempre lutaram.

Já se encontra em Portugal o camarada Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português.

«N.A.» saúda o grande lutador anti-fascista, combatente da Liberdade, que desde os 17 anos, nas duras condições da clandestinidade luta pela libertação do Povo Português.

# Caxias: o fim do fascismo

ENCLAUSURADO VIVI os últimos dias do Fascismo. Numa semana, pouco mais, viajei das angústias das trevas aos augúrios do mais radioso sol. Nessa manhã de vinte e cinco de Abril, o bélico aparato entrevisto das grades levou-me — levou-nos — o prenúncio que acreditei de morte e era, afinal, de um renascer de vida. Foram os cravos rubros a desabrochar fraternidade das armas dos fuzileiros, foi o grito de vitória na voz enrouquecida do José João Louro, que me despertaram do pesadelo e me abriram em lágrimas para o alvorecer sempre esperado em cada hora de vida.

A hora magnífica da Libertação, que não era apenas a da minha libertação física e circunstancial da mão dos tecnocratas verdugos que dispunham descrecionariamente das nossas vidas, mas a da libertação do meu país e do seu povo, desse meu povo irmão que na duração do medo e da miséria vivera o último meio século da sua História, suficientemente compensou todos os danos sofridos, todas as humilhações cobradas, toda a aviltante sensação de pavor experimentada nos músculos e na alma. As aclamações, as lágrimas de alegria, o jubilo dos abraços e o amor dos beijos, mais do que prémio pela verticalidade de todos os resistentes, era a certeza de que os homens e mulheres do meu país reencontravam o destino e, de pé, agora, saberiam defendê-lo e construir o futuro.

O Movimento das Forças Armadas fora o braço do povo, na sequência de uma luta surda, tenaz, sangrenta, que cobrira de luto e de silêncio de Semana Santa, em anos e anos de ignominiosa escravidão, toda a Nação Portuguesa. Temos, pois, um dever de gratidão para com esse braço voluntarioso e forte que tão bem soube cumprir, no hora própria, um dever que lhe era apontado e ditado pelos sectores válidos e dinâmicos do país que é de todos nós e que saberemos reconstruir em dignidade.

Mas o agradecimento não significa abdicação. Eles (os soldados e marinheiros, de qualquer graduação, da gloriosa arrancada dessa madrugada de Abril) e nós (forças produtivas dos campos e cidades) seríamos indignos dessa gloriosa página da História se a manchássemos um dia com a vergonha da renúncia, com a desonra da traição. Unidos e fraternos, esquecendo ou minimizando os pontos que possam separar-nos, saberemos permanecer vigilantes e actuantes na persecução dos ideais de liberdade, de igualdade de direitos e de justiça que a todos nos anima e nos conduzirá à meta final que almejamos.

Eles e nós constituímos uma única entidade: o povo de Portugal, que se quer sem guerras e sem ódios. E como nessa noite de Caxias entoava, sob a protecção dos braços e das armas de soldados e marinheiros, a multidão que aguardava em ansiedade o regresso e reabilitação dos que nos cárceres do nazismo sofriam as penas da sua viril insubmissão, POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO.

## MÁRIO SOARES

> DA PÁGINA 1  
vida nenhuma que as colónias transformam-se em novos «vintnames».

— O fim da guerra colonial é o problema mais premente do Povo Português.

**SOBRE O GOLPE MILITAR**

— Não tinha conhecimento do golpe, mas, é claro, que este acto histórico, o Movimento que as Forças Armadas acabam de realizar, era previsível.

Entendem que são reivindicações imediatas, fundamentais e intransigentes de todos os trabalhadores, aliás, numa linha de concretização prática de declarações de princípio expressas

P.C.P. e P.S.P.

— Temos uma declaração conjunta assinada pelo Partido Socialista e Partido Comunista Português, declaração essa, fruto dum reunião entre os nossos órgãos dirigentes e o Comité Central do P.C.P., onde Alvaro Cunhal esteve presente. A declaração versa sobre o actual momento político.

Muito mais declarou Mário Soares, muito solicitado pela Imprensa, Rádio e Televisão estrangeiras, sempre seguro das declarações que prestava. O redactor do «N.A.», em nome da redacção, saudou Mário Soares. «Eu também sou do «Notícias da Amadora» e envio uma saudação especial para vocês» disse, nos em resposta.

**n.a. SEMANÁRIO POPULAR**

Coordenador geral: ORLANDO GONÇALVES  
Director: CARLOS CARVALHAS

Chefe de Redacção: JOÃO PAULO GUERRA

Redacção: ARLINDO MOTA, BLASCO HUGO FERNANDES, CALIANO PEREIRA, CORREIA DA FONSECA, HELENA NEVES, MURADALI MAMADHUSEN, ORLANDO CÉSAR e SERGIO RIBEIRO

Redacção e Administração: RUA ELIAS GARCIA, 245-2.º ESQ. — AMADORA  
☎ 93 36 43

# Os trabalhadores e o momento actual

A escalada da repressão contra os Sindicatos, visando em última análise paralisar as estruturas legais de resistência dos trabalhadores à exploração por parte do patronato, atingiu o auge nos últimos tempos do fascismo.

Tal escalada repressiva, sintoma evidente da fraqueza e isolamento do regime, surgiu na lógica de toda uma acção que tinha em vista, para além dos seus objectivos imediatos, a desmobilização dos trabalhadores. Ofensivas legislativas e cargas policiais, despedimentos selectivos e processos de intimidação e provocação, encontraram pela frente a unidade combativa dos trabalhadores.

A queda do regime dos monopólios abre perspectivas novas à luta da classe trabalhadora. O reforço da unidade e da organização dos trabalhadores depara com condições completamente novas após a vitoriosa acção do Movimento das Forças Armadas.

Logo após a queda do regime, quinze sindicatos procederam a uma análise política do momento actual e do papel que cabe hoje aos sindicatos na consciencialização das massas trabalhadoras, publicando no final o seguinte comunicado:

Os sindicatos signatários, tendo tomado conhecimento da proclamação hoje feita ao país pelo M.F.A., onde se anuncia o fim do regime de opressão fascista, que sempre se identificou com o poder económico monopolista, impondo níveis de vida verdadeiramente miseráveis ao país, e considerando que:

1— Foi a movimentação dos trabalhadores em luta ao longo dos últimos 50 anos, não obstante, violentamente reprimida, que criou condições para o êxito do M.F.A.;

2— A efectiva libertação económica e política da classe trabalhadora, face a toda e qualquer reacção, só pode concretizar-se com a consciente e imediata participação de todos os trabalhadores no processo ora iniciado;

3— Para além do desejado, urgente e amplo debate do que deverá ser o futuro sindical do nosso país, a realizar em Assembleias Gerais a convocar brevemente;

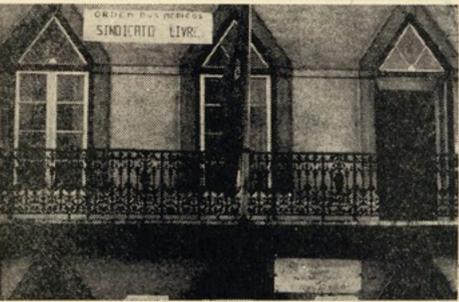
4— Entendem que são reivindicações imediatas, fundamentais e intransigentes de todos os trabalhadores, aliás, numa linha de concretização prática de declarações de princípio expressas

além da convocação da manifestação, contactar com grupos organizados de pescadores e rurais para que se associem aos outros trabalhadores.

## SINDICATOS LIVRES

O primeiro Sindicato formado em Lisboa pelos trabalhadores foi a Secção Regional da Ordem dos Médicos, encerrada pelo governo fascista que igualmente processara os seus dirigentes.

Logo pela manhã do dia 26, um numeroso grupo de médicos, representativo dos



vários sectores políticos da esquerda, distribuiu um comunicado apelando para a solidariedade actuante dos médicos progressistas.

Na sede da Ordem, na Avenida da Liberdade, foi hasteada a bandeira nacional e afixados cartazes onde se podia ler: «Por uma assistência médica ao serviço da população» e «Ordem dos Médicos — Sindicato Livre».

Nessa mesma noite, numa reunião alargada de corpos gerentes, a Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos tornou pública a sua posição face aos importantes acontecimentos verificados, através do seguinte comunicado:

A Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos: Manifesta o seu vivo regozijo pelo derrube da ditadura fascista, levado a cabo pelo Movimento das Forças Armadas e pelo Povo Português.

Apoia os pontos fundamentais do programa do Movimento das Forças Armadas, na garantia que representam dos direitos do Povo.

Popõe como linha de acção levar à prática o exercício das liberdades fundamentais, em particular as

## AOS MOTORISTAS DE LISBOA

O Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa entrou na posse legítima dos trabalhadores seus associados.

A anterior direcção imposta pelo governo fascista e instrumento aos serviços dos senhores do Governo foi expulsa.

O Sindicato dos Motoristas de Lisboa apoia o documento emanado pela Inter-Sindical, divulgado pelos órgãos de informação em 26 e 27 do corrente, integrando-se assim na luta de todos os trabalhadores portugueses:

O S.N.M.D.L. pede a

ção, desde já, de todos os associados e empregados para um trabalho cal ao serviço de todos os trabalhadores e da DEMOCRACIA.

Considera que um verdadeiro sindicato médico será o ponto de partida para a participação dos médicos na organização dum política de saúde ao serviço do Povo Português.

Iniciará a prática dos pontos enunciados a quando da sua eleição:

1. Devolver o poder soberano às Assembleias fazendo-as controlar de perto os Corpos Executivos.

2. Experimentar fórmulas para dar a devida represent

ção Geral de Segur

Senhores: acordo com o que f

estabelecido na noite de Maio, com os ele

Foram distribuídas 250 cópias de al

# 1.º DE MAIO Manifestação Todos à Alameda D. Afonso Henriques, às 15 horas



## Dos soldados e milicianos democratas

Subscrito por soldados e milicianos democratas do norte, foi distribuído um documento que, depois de saudar todos os oficiais do Movimento das Forças Armadas e se solidarizar com os objectivos do programa divulgado, termina com as conclusões vibrantes que transcrevemos:

«Nós soldados e milicianos democratas chamamos a atenção para os chamados a ter na destruição das estruturas do poder fascista com o julgamento dos criminosos da PIDE/DGS e afastamento definitivo dos oficiais que de qualquer forma manifestaram a sua hostilidade ao Movimento ou não expressaram claramente a sua adesão. Salientamos a necessidade da reestruturação e saneamento das outras forças para-militares, PSP e CNR bem como a eliminação política dos elementos dos antigos órgãos de administração local. Estes aspectos são condições indispensáveis para uma evolução pacífica da situação dado que tudo há a esperar de quem exercer sobre o Povo a mais odiosa e terrorista das opressões. As provocações, atentados bombistas e tentativas de contra-golpes são acções que esses elementos utilizarão sem qualquer escrúpulo se sentiram-se apoiados pelas forças ligadas ao capital monopolista, que neste momento se encontram na expectativa. As conquistas de 25 de Abril exi-

gem a vigilância de todos nós na eliminação definitiva da fera fascista da nossa terra.

Nós, soldados e milicianos democratas sentimos-nos orgulhosos de pertencer às Forças Armadas que conquistaram os redutos da Legião e PIDE/DGS e libertaram em Caxias, Peniche e outros cárceres os melhores filhos do Povo Português, e na Trafaria os corajosos militares do 16 de Março.

Nós, soldados e milicianos democratas consideramos que a solução política do problema colonial passa pela negociação com os Movimentos de Libertação, PAIG, FRELIMO e MPLA, cujos dirigentes já se declararam prontos a negociar.

Faremos nossos os anseios de milhares de soldados e suas famílias pela redução do tempo de serviço militar e regresso dos soldados. É reivindicação nossa desde já a atribuição de um salário digno aos soldados. Fim imediato à guerra colonial!

Abertura imediata de negociações com os movimentos de libertação!

## Os estudantes e o momento político

No campo estudantil, o golpe de 25 de Abril abriu novas perspectivas de actuação para o movimento associativo, fortemente reprimido pelo regime de M. Caetano. Assim, foram reabertas, em Lisboa, as Associações do Técnico, Direito e Económicas, com a destituição dos respectivos directores (respectivamente Sales Luis, Martinez e Proença), A Associação Académica de Coimbra, Medicina do Porto. Foram aprovadas moções de saudação ao Movimento das Forças Armadas, e de exigência do fim da guerra colonial, negociações imediatas com os movimentos de libertação na base do direito dos povos à auto-determinação e

## Próximo número

Por motivos de ordem técnica, que contamos solucionar em breve, o próximo número do «N.A.» sairá no próximo sábado. Pelo interesse que se reveste, chamamos a atenção de uma reportagem fotográfica pormenorizada e exclusiva do «museu das actividades subversivas» da ex-PIDE/DGS que existia na Escola Técnica da ex-DGS em Sete-Rios.

## Operação: Contra «transferências» / Por salários em dia

Os bancos abriram com horário. Diferente que não aquele que resultasse de relação contratual nova. Não se trata de contrato localizado. É uma situação nova. A controlar.

Sallentamos dois sentidos. E salientamos na intenção e na eficácia. O sentido de evitar que quanto tanto aproveitou do fascismo transfira para «locais seguros» o que por cá mantinha confiada e segura várias mas de que a vítima era sempre a mesma:

## A CENSURA ACABOU... TAMBÉM NOS ESPECTÁCULOS

Foi 29 de Abril. De manhã. Na manhã do primeiro dia útil. Os profissionais do cinema juntaram-se no seu sindicato às 10 horas. E às 11 desfilaram os poucos metros que separavam o Sindicato dos Serviços da Censura que lhes respeitava. Com eles, José Afonso (a empunhar uma vara de um dos panos que nos dizem alto o que calávamos), Valéria Gomes, João Honrado

e Sérgio Ribeiro (pela CDE e pelo «N.A.»). Os poucos metros que separavam. Que separavam o que era do que vai ser. Ocupou-se a «Direcção dos Serviços dos Espectáculos» afirmando alto e bom som: «ACABOU!»

## Fundos para a C.D.E.

Criadas no País, pela vitória do Movimento das Forças Armadas e do Povo Português contra o regime fascista que há 48 anos nos desgovernava, as condições de liberdade que permitem o funcionamento aberto e livre das actividades da C.D.E., vem a Comissão Executiva do Movimento solicitar a todos os seus simpatizantes que contribuam, logo que possam, com a sua contribuição financeira para assegurar as despesas iniciais. Sem este apoio dificilmente a C.D.E. poderá desenvolver as tarefas de salvação nacional que neste momento histórico lhe compete e das quais não pode demitir-se.

# QUE PAÍS É ESTE

Que país é este por onde corro as estradas ao reencontro de quem volta depois dele ter sido expulso? Ao reencontro de Chantal, de Mário Soares, neste domingo primeiro de um país que me pergunto qual é.

Que país é este que parece que hesita entre o sorriso e a gargalhada entre o aperto de mãos desconhecidas e o abraço fraterno, apertado, chorado, silencioso? Por estas estradas por onde corro, a ultrapassagem de um passante de domingo — a pressa de chegar! — é saudada com um polegar voltado para cima, ou dois dedos em V.

Que país é este que não conheço mas reconheço porque o acarinhava em mim, porque o vivia na vontade de para ele ajudar? Este país que é gente que se olha nos olhos, que se belisca para ter a certeza que não sonha, e que não procura senão a forma de ser este país.

Que país é este? O NOSSO! Portugal a fazer. Por nós.

S.R.

Refira-se que os trabalhadores, cada um por si e pelo seu Sindicato (dos Bancários), foram peça indispensável na operação horário dos bancos.

Que separavam o que era do que vai ser. Ocupou-se a «Direcção dos Serviços dos Espectáculos» afirmando alto e bom som: «ACABOU!»

Um cuidado enorme com as pessoas. Com os papéis. As pessoas que ali trabalhavam (e ali estavam), ao princípio um pouco recosas, depressa se aperceberam que nada havia a recear. Antes pelo contrário. Do futuro que era o problema, o futuro que é a esperança a concretizar...

Os papéis... para não se perderem documentos preciosos: dos homens que passaram dias «a trabalhar» vendo cinema para «verificar» se havia infracções aos cortes decididos, por exemplo!

E todos procuraram uma bandeira nacional. Que não havia. Como não havia responsável que dissesse se sim ou não havia e onde estaria... Pelo telefone, Artur Semedo pedia a bandeira nacional para colocar ao lado da informação — janela a janela — de que... ACABOU!

# Declaração do Partido Comunista Português

## Portugueses e portuguesas! O governo de Caetano foi derrubado

Que todo o Povo se una e lute para que o fascismo seja liquidado para sempre e sejam instauradas as liberdades democráticas!

Para que cesse imediatamente a guerra colonial e acabe o colonialismo!

Para que Portugal se liberte do domínio dos monopólios e do imperialismo estrangeiro!

Os acontecimentos dos últimos meses tinham posto a nu não só a extrema gravidade da situação económica, social e política a que o governo fascista conduziu o país, como a vontade cada vez mais firme e consciente de amplos sectores populares no sentido de lutar contra a exploração e a miséria, a repressão, a guerra, o colonialismo, o domínio dos monopólios e a subjugação ao imperialismo.

As valorosas lutas de centenas de milhares de trabalhadores — nas empresas nos campos, nos sindicatos — somaram-se importantes acções das mais diversas camadas da população.

Um movimento de oficiais do quadro das Forças Armadas surge também como consequência da crise do regime e da oposição à guerra colonial e toma rapidamente am-

plitude passando a trabalhar directamente para o derrubamento do governo.

**A QUEDA DO GOVERNO DE M. CAETANO É UM EXTRAORDINÁRIO ACONTECIMENTO QUE PODE ABRIR UM CAMINHO NOVO NA VIDA DOS PORTUGUESES**

Nesta hora histórica, o P. C. P. saúda calorosamente a classe operária, as massas trabalhadoras e democráticas que lutam abnegadamente há longos anos pelo derrubamento do fascismo.

O P. C. P. saúda igualmente os patriotas das Forças Armadas que acabam de derrubar o governo, afirmando o seu apoio a todas as medidas imediatas que sejam tomadas no sentido da democracia, da paz, da independência nacional.

O P. C. P. está pronto a colaborar com todos os que desejem lutar unidos para a criação de um Governo Provisório que instaure as liberdades democráticas e acabe com a guerra, e que promova a curto prazo eleições para uma Assembleia Constituinte através das quais o Povo Português escolha livremente os seus governantes e o seu destino.

É indispensável a dissolução imediata dos órgãos e instrumentos do poder fascista (Assembleia Nacional, PIDE/DGS, Legião, etc.).

É indispensável a imediata libertação de todos os presos políticos (em Portugal como nas colónias) e o regresso de todos os que tiveram de se afastar do país pela sua negação à guerra e outras razões políticas.

É indispensável a cessação de toda a censura à imprensa e a liberdade de reunião, de associação sindical, de formação de partidos políticos, de manifestação e de greve.

É indispensável a suspensão imediata de todas as operações militares em África e a abertura de negociações com o Governo da República da Guiné-Bissau e com os movimentos de libertação de Angola (M. P. L. A.) e de Moçambique (FRELIMO) com vistas à sua independência imediata.

**VÓS COM A MOBILIZAÇÃO E A LUTA DAS MAIS AMPLAS MASSAS PODE CONSEGUIR-SE A LIQUIDAÇÃO DO FASCISMO E A INSTAURAÇÃO DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, A LIQUIDAÇÃO DO COLONIALISMO E O FIM DAS GUERRAS COLONIAIS, A LIQUIDAÇÃO DOS MONOPÓLIOS E DO PODER DO IMPERIALISMO NO NOSSO PAÍS**

A classe operária, todos os trabalhadores, os jovens e as mulheres, os estudantes e os intelectuais, os soldados e os marinheiros,

os sargentos e oficiais anti-fascistas, todos são chamados nesta hora tão importante na vida do nosso país, a unirem-se e a lutarem decididamente pelas grandes aspirações populares.

O movimento democrático deve prosseguir na sua acção unitária dinamizando mais e mais todas as suas estruturas e englobando cada vez mais camadas da população.

Por todo o país, em todas as localidades, nas fábricas, nos campos, nas escolas nos quartéis há que promover largas reuniões organizar mais e mais comissões, realizar manifestações e greves, conquistar as ruas!

As massas populares, ao Povo Português, cabe tomar bem nas suas mãos o seu destino e, libertando-se para sempre dos seus inimigos — o fascismo, o colonialismo, o imperialismo — abrir o caminho para uma vida diferente.

Pela Liberdade, pelo fim das guerras coloniais, pela Independência Nacional!  
25 de Abril de 1974.

A Comissão Executiva do C. C. do Partido Comunista Português

## Do programa do P. C. Português

O Programa do Partido Comunista Português para a Revolução Democrática e Nacional aponta como objectivos fundamentais os seguintes 8 pontos:

- 1.º — Destruir o Estado fascista e instaurar um regime democrático;
- 2.º — Liquidar o poder dos monopólios e promover o desenvolvimento económico geral;
- 3.º — Realizar a Reforma Agrária, entregando a terra a quem a trabalha;
- 4.º — Elevar o nível de vida das classes trabalhadoras e do povo em geral;
- 5.º — Democratizar a instrução e a cultura;
- 6.º — Libertar Portugal do imperialismo;
- 7.º — Reconhecer e assegurar aos povos das colónias portuguesas o direito à imediata independência;
- 8.º — Seguir uma política de paz e amizade com todos os povos.

**TRABALHADORES:** Formai por todo o lado comissões para dirigir a vossa luta por estes objectivos.

A luta pela Revolução Democrática e Nacional é parte constitutiva da luta pelo socialismo. O objectivo supremo do Partido Comunista Português, vanguarda do proletariado e partido marxista-leninista é a vitória da Revolução proletária e a construção do socialismo e do comunismo em Portugal.

## Declaração da União dos Estudantes Comunistas

A Comissão Central da U.E.C. saúda calorosamente os soldados, marinheiros e todos os oficiais patriotas que, com a sublevação de 25 de Abril, derrubaram a ditadura fascista. Saúda a classe operária, todos os trabalhadores, a juventude, os intelectuais progressistas que, com o poderoso movimento popular de massas que varreu o país, contribuíram decisivamente para isolar o regime fascista e para criar as condições para o êxito do Movimento das Forças Armadas.

A Comissão Central da U.E.C. saúda os estudantes que, com as suas poderosas lutas de massas, foram ontem e são agora um importante destacamento da luta popular.

Um vigoroso movimento popular desenvolve-se em todo o país. O povo português, em grandiosas manifestações de rua e através das mais variadas e múltiplas acções, exprime o seu regozijo pelo fim da ditadura

fascista e exprime a sua firme determinação de lutar pelas liberdades democráticas, pelo fim da guerra colonial, por melhores condições de vida, por um Portugal socialista.

A combatividade, a coragem e politização que as massas populares estão a revelar estão bem patentes na luta pelas suas reivindicações fundamentais e nas acções de senecadeadas visando exigir o castigo e castigando os criminosos agentes da PIDE/DGS.

Os estudantes colocaram-se decisivamente ao lado do movimento popular participando maciça e corajosamente nas grandiosas manifestações e em todas as outras acções de rua, e nas escolas impondo na prática a aplicação imediata das medidas democráticas proclamadas. Reabriram já a AEIST, a AAC, a AEISCEF, a CPA de Medicina do Porto; estudantes de vários liceus do país ocuparam instalações da M. P.; as direcções associativas eleitas retomaram o seu posto, a informação está a ser garantida, em várias faculdades expulsaram-se as autoridades académicas fascistas.

Como a prática está a demonstrar, estão criadas condições para que os estudantes obtenham grandes e novas vitórias e conquistem reais transformações democráticas na Universidade.

A U.E.C. apela os estudantes a que prosigam as acções de massas visando a satisfação das suas reivindicações imediatas fundamentais:

- a garantia da prática do direito de associação em todas as universidades e liceus e o direito de informação e de livre expressão de pensamento;
- a dissolução imediata de todas as organizações anti-estudantis e fascistas da juventude;
- a demissão de todas as autoridades

académicas comprometidas com a repressão ao movimento estudantil e sua imediata substituição por outras da confiança dos estudantes;

- a revogação de toda a legislação anti-estudantil;
- a participação de estudantes e professores livremente eleitos em todos os órgãos de gestão da Universidade;
- a melhoria radical das condições de estudo e do conteúdo do ensino visando a sua colocação ao serviço do povo.

A U.E.C. apela para que os estudantes se juntem ao Povo Português na luta pelas liberdades democráticas, pela devolução dos direitos políticos a todos os portugueses, pela extinção total da PIDE e restantes forças repressivas e pelo castigo dos criminosos, pela melhoria das condições de vida. Apela para a intensificação da luta pelo fim da guerra colonial, a cessação de todas as operações militares, a imediata independência para Moçambique e Angola e o reconhecimento da República da Guiné-Bissau, e contra o imperialismo e os monopólios.

A Comissão Central da U.E.C. apela para que transformemos o 1.º de Maio numa jornada de unidade combativa dos estudantes com o povo trabalhador, fazendo feriado nas escolas e participando em todas as manifestações populares.

Os estudantes comunistas manter-se-ão firmemente na vanguarda da luta estudantil e declaram que tudo farão para unir na acção e cooperar com todos os estudantes verdadeiramente revolucionários.

**VIVA A UNIDADE DE COMBATE DOS ESTUDANTES COM O POVO TRABALHADOR!**

**VIVA A CLASSE OPERÁRIA E A SUA VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA — O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**

Lisboa, 28 de Abril de 1974.

A Comissão Central da UNIAO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS

### LEIA:

- REPÚBLICA
- INDEPENDÊNCIA DE ÁGUEDA
- OPINIÃO
- SEARA NOVA
- VÉRTICE

A NOVA IMPRENSA INDEPENDENTE

# Ó Povo unido jamais será vencido